

## **Prazer, Emoção e Cotidiano na Leitura de Romances Sentimentais<sup>1</sup>**

Roberta Manuela Barros de **ANDRADE**<sup>2</sup>  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Thiago Mena Barreto **VIANA**<sup>3</sup>  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Ricardo Augusto de Sabóia **FEITOSA**<sup>4</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

### **RESUMO**

Na sociedade de entretenimento, o ato da leitura está intrinsecamente relacionado à instância do prazer, o que desperta nos leitores sensações de deleite, contentamento e gozo. Porém, o prazer, embora seja uma pulsão humana é ainda uma aprendizagem social. Neste sentido, nos indagamos: que mecanismos culturais orientam a prática da leitura de romances de amor? Como este contexto condiciona a maior fonte de prazer desses romances, a carga emocional que carrega consigo? Elegemos como objeto de análise uma comunidade de leitura situada no município de Fortaleza/CE. Para isso, selecionamos vinte fãs de romances sentimentais, de gerações e posições sociais diferentes, tanto frequentadoras de livrarias, de bancas de revista e de sebos como partícipes de comunidades de leitura virtuais que consomem avidamente tais romances.

**Palavras-chave:** Romances Sentimentais; Histórias de Amor; Prazer; Emoção; Leitura.

### **1. Romance, Prazer e Emoção**

A leitura de romances de amor acompanha a história da vida privada das mulheres no Brasil. Esta prática está incrustada no cotidiano de milhares de brasileiras, de todas as idades e de todos os extratos sociais. Dos romances folhetins aos romances de banca de revista, dos livros com esquemas de marketing modestos aos grandes lançamentos das editoras, do livro impresso ao e-book, a prática se perpetua, formando gerações de mulheres em nosso País. Não é à toa, pois, que os romances sentimentais,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social, mestre e doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pós Doutora em Sociologia e Literatura (UFC). Professora Associada II da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora do Programa de Pós Graduação em Sociologia (PPGS) da UECE. E-mail: manubarrosster@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduado em Jornalismo (Unifor) e em História (UECE), mestre em Comunicação (UFC) e doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia (PPGS) da UECE. E-mail: thiagombv@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduado em Comunicação Social (UFC), mestre em Comunicação (UFBA), doutor em Sociologia (UFC). Pós Doutor em Comunicação pela Universidade Rey Juan Carlos (Espanha). Professor Adjunto do Núcleo de Design e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA). E-mail: ricsaboia@yahoo.com.br.

obras que centram seu enredo em contar histórias de amor, geram lucros significativos para as editoras. Nas listagens publicadas por periódicos, jornais, sites de notícias, dos vinte livros mais vendidos anualmente, os romances sentimentais ocupam sempre lugar de destaque.

No primeiro semestre de 2020, no *Publishnews*<sup>5</sup>, dentre os livros que pertenciam à categoria de romances sentimentais, destacavam-se os boxes (caixas de livros que reúnem as obras mais expressivas de autores de ampla vendagem) de Jojo Moyes, de Julia Quinn e de Jane Austen, autoras exitosas no nicho dos romances sentimentais. A estratégia editorial de colocar à disposição do leitor ao invés de obras isoladas um conjunto de livros do mesmo autor é um recurso utilizado somente para autores campeões de vendas. Os boxes podem ser compostos por autores clássicos – como é o caso de Jane Austen – ou por autores contemporâneos consagrados como Stephanie Meyer ou Isabel Allende. Apesar de essas escritoras possuírem estilos diferentes para narrar histórias de amor, todas têm em comum um forte apelo popular. O que definiria, então, a predileção desse público por este tipo de narrativa?

Na sociedade de entretenimento, qualquer consumo cultural está intrinsecamente relacionado à instância do prazer. Com a leitura o mesmo se dá, o que alimenta a prática é o fato da narrativa despertar em seus leitores sensações de deleite, contentamento e gozo. Porém, o prazer, embora seja uma pulsão humana é ainda uma aprendizagem social que deve ser cultivada, acompanhada, analisada a fim de que se possa descobrir as condições de sua produção e consumo. Neste sentido, é vital nos indagarmos como se dá o ato da leitura de romances, que mecanismos culturais orientam seu consumo, como esta prática se inscreve nas rotinas cotidianas de seus leitores e como estes sinalizadores vêm se transformando de geração a geração, de suporte a suporte, de classe social a classe social.

A presente pesquisa teve, assim, o objetivo de compreender as diferentes formas de apropriação cotidiana dos romances sentimentais por mulheres de extratos sociais e gerações distintas. Nessa pesquisa, trabalhamos com o que Radway (1987) e Fiske (1987) classificam como uma comunidade interpretativa, isto é, um espaço simbólico no qual os leitores constroem e empregam assunções e estratégias de compreensibilidade

---

<sup>5</sup> O Publishnews é um site especializado em livros de todos os gêneros literários. Além de apresentar notícias sobre lançamentos e autores, o site publica semanalmente listas com os livros mais vendidos nas maiores livrarias brasileiras, divulgando também listagens mensais e anuais. Disponível em <https://www.publishnews.com.br/>, acesso em 15/08/2020.

---

semelhantes de um texto mesmo que, eventualmente, não tenham contato uns com os outros.

Neste contexto, elegemos como objeto de análise uma comunidade de leitura específica, situada no município de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, na região nordeste do Brasil. Para isso, selecionamos como ponto central de reflexão, fãs de romances sentimentais, de gerações e posições sociais diferentes, tanto frequentadoras de livrarias, de bancas de revista e de sebos como partícipes de comunidades de leitura virtuais que consomem avidamente tais romances.

A maior parte das mulheres entrevistadas começou a ler romances de amor na adolescência e prosseguiu na leitura até a contemporaneidade. São mulheres cujo conhecimento sobre a forma, estrutura e conteúdo dos romances sentimentais é qualificado, possuindo hábitos regulares de leitura, são, pois, o que denominamos de leitoras competentes. Para Jauss (1978), nesta competência está implícito o horizonte de atenção dos leitores como uma unidade, fundada sobre uma experiência compartilhada, o que permitiria a compreensão dos sinais textuais postos no texto e, portanto, seria a base da sua autoidentificação como fãs apaixonadas de histórias de amor.

O universo da pesquisa constitui-se de leitoras, prioritariamente, entre os 18 e os 45 anos de idade, selecionadas a partir de visitas a bancas de revistas, livrarias e sebos do centro da cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, localizada no Nordeste do Brasil, além de participações em comunidades virtuais de debates de romances sentimentais. Nossas leitoras são atuantes no mundo do trabalho, exercendo ocupações as mais diversas, muitas delas, inclusive, trabalhando em mais de uma atividade laboral. No entanto, no período da pesquisa, algumas delas encontravam-se desempregadas. São casadas, divorciadas, viúvas e solteiras. Estão situadas na hierarquia educacional entre o ensino médio completo e o superior completo. A renda média dessas mulheres, em sua maioria, se situa entre dois e seis salários mínimos.

A pesquisa teve como estratégia metodológica inicial a aplicação de questionários para conhecer a posição da entrevistada na hierarquia social, notadamente acerca dos seus recortes de renda, formação educacional, religião, estado civil, profissão e faixa etária. Na segunda fase, partimos para a realização de entrevistas, divididas em etapas distintas e complementares, com as mulheres selecionadas no universo da comunidade de leitura da investigação.

---

Entrevistamos, durante o ano de 2018, vinte mulheres, de extratos sociais, os mais diversificados e faixas etárias as mais diversas. As entrevistas passaram, durante todo este ano, por várias fases distintas, com múltiplas retomadas, seguindo o formato de “entrevista de profundidade” ou “intensiva”. Como destaca Souza (2006, p. 722), a principal vantagem dessas entrevistas “reside na possibilidade de se obterem informações pormenorizadas e aprofundadas sobre valores, experiências, sentimentos, motivações, ideias, posições, comportamentos etc dos entrevistados”.

Estas leitoras, com idades variadas, iniciaram suas leituras, em geral, pelos livros populares, vendidos em banca de revista. Em especial, os chamados “Romances do Coração<sup>6</sup>”, livros de baixo custo, vendidos em bancas de revista e ainda hoje encontrados em sebos e disponibilizados em sites especializados neste tipo de leitura. Esta iniciação pela literatura de massa de um largo espectro de leitoras de romances sentimentais não se dá por acaso. Em um país no qual o hábito de ler livros ainda é uma prática interdita financeiramente para amplos setores sociais, o preço acessível dos livros de banca de revista permitia seu consumo tanto por adolescentes como por mulheres pertencentes às classes mais populares, o que disseminou a prática para extensos extratos sociais.

Ao longo das entrevistas, essas mulheres eram capazes de definir o gênero sentimental, ressaltando suas principais características, comparando enredos e estilos literários, fazendo apreciações estéticas sobre os subgêneros nos quais os romances se alocam e julgando a qualidade de livros específicos a partir desses conhecimentos. Estas leitoras expuseram suas preferências que podiam continuar as mesmas no decorrer dos anos ou podiam se transformar. Quando mudavam de “gosto”, as fãs entenderam esta troca como uma evolução, uma vez que, em geral, esta transição significa passar dos romances de banca de revista, de menor prestígio social, para os romances de livraria, de maior legitimação coletiva.

O gosto, a preferência de um dado grupo de indivíduos por um bem cultural em detrimento de outro, é delimitado pelo lugar social que os indivíduos ocupam na hierarquia social (BOURDIEU, 1979). Assim, uma forma de se adquirir um maior

---

<sup>6</sup> . Os romances sentimentais de banca de revista surgiram, no Brasil, em 1977, através do que a editora Abril Cultural chamou de “Romances do Coração” que abarcaram as coleções “Julia, Sabrina e Bianca”, sucessos editoriais entre os anos de 1980 e 1990, se tornando rapidamente ícones de uma geração e sinônimo de romance de banca de revista no Brasil. Não é, pois, à toa que o consumo destes livros retrata, como relatam os depoimentos, o aparecimento da sociedade leitora contemporânea do gênero no Brasil.

status é consumir bens ou produtos historicamente relacionados às classes ditas “cultas”, “eruditas”, “superiores”. Neste contexto, a troca de “romances de banca de revista”, usualmente mais baratos, por “romances de livraria”, notadamente mais dispendiosos, alça os fãs de romances de amor a posições sociais mais elevadas em suas comunidades de leitura. Assim, a trajetória dessas leitoras com o gênero é dinâmica, produzindo uma série de movimentos que são, obviamente, condicionados por suas condições materiais de existência.

Contudo, seja qual for o percurso realizado por essas mulheres leitoras, as pesquisas de Andrade e Feitosa (2018) relatam que a maior fonte de prazer na leitura desse gênero literário é o fato de sua narrativa provocar em seus leitores um amplo espectro de sentimentos que vai desde alegria, raiva, dor até ódio, frustração, tristeza, compaixão, além de propiciarem sensações físicas derivadas desta altíssima carga emocional como o nó na garganta, o friozinho na barriga, os suspiros, as lágrimas, os arrepios, a perda de fôlego. Assim, é mister indagarmos: em que contexto a leitura de romances é praticada? Como este contexto sinaliza o que as leitores denominam como a maior fonte de prazer desses romances, a carga emocional que carrega consigo?

## **2. As práticas de leitura dos fãs de romances de amor**

Indubitavelmente, a leitura de livros de amor é parte importante do cotidiano destas mulheres. Este cotidiano é visto como cheio de cuidados e responsabilidades, muitas vezes, permeado com duplas jornadas de trabalho. No espaço público, colaboram para o orçamento familiar com as mais variadas ocupações. No lar, organizam o serviço doméstico, cuidam das necessidades do marido e se for o caso, filhos. Elas são as responsáveis pelas compras domésticas, pelos cuidados físicos com a casa, pela organização da agenda familiar, pela manutenção da saúde da família.

Muitas vezes, assumem responsabilidades que saem de sua família nuclear e se voltam para sua família de origem. Estas gerenciam muitas atividades oriundas da casa da mãe, da irmã, da cunhada e das tias. Quando solteiras, têm, além de atribuições no trabalho, as do espaço doméstico. Assim, o livro de amor é o refúgio no qual os aborrecimentos, comuns à vida de todos os dias, tendem a desaparecer. É um espaço no qual a fantasia encontra lugar opondo-se à realidade, com seus problemas e dificuldades.

---

Eu acho que é pra desestressar. É minha válvula de escape. Se eu tô com raiva, eu pego um livro vou ler e pronto, passou. Se eu tô com dor de cabeça, eu pego um livro e pronto, passou. É uma válvula de escape mesmo pra mim, me desstessa total. Se eu quiser matar alguém, eu pego um livro e leio e a vontade diminui (Juciara, 22, vendedora).

Acho que quando eu estou lendo o romance eu vou viver aquela fantasia que nunca vou viver na vida real, e também os problemas desaparecem, aquelas coisas que ficam perturbando o juízo da gente, o stress some, me distrai e na fantasia tudo é válido é uma forma de tornar a vida da gente mais suave (Juliana, 26, secretária).

Esta procura pelo prazer é um dos traços fundamentais do lazer na sociedade contemporânea. O lazer é, na era moderna, concebido como uma atividade fora do tempo de trabalho, no tempo desocupado que complementa e compensa o indivíduo da faina diária (DUMAZEDIER, 1979). Incessantemente, o discurso escolar repete que ler deve ser um prazer, presumindo-se que deva sair da escola, da biblioteca, da faculdade e adentrar o espaço privado. Porém, essa pedagogia escolar, (in)formada pelos círculos literários, costuma diferenciar o prazer da leitura de sua fruição.

A fruição iria além da comoção inicial da leitura, das lágrimas derramadas, dos sorrisos provocados. O verdadeiro prazer deveria se desdobrar de forma prolongada e duradoura em fruição. Este movimento, segundo Yunes (1995), expandiria o prazer de forma gradual, intensificando o desejo de maior intimidade com as ideias desencadeadas pela leitura que não se esvairia com o término do ato de ler. O prazer rápido se esgotaria com a velocidade do término das sensações produzidas pela leitura enquanto a fruição permaneceria e interrogaria.

Porém, para essas leitoras, o prazer não está aprisionado nas páginas do livro, em seu conteúdo manifesto e sim no próprio processo social que permitiria o ato de leitura. A fruição não está somente no pensar que ultrapassa o texto em si, mas essencialmente, no exercício de liberdade que a prática de leitura de romances permitiria. As mulheres desta pesquisa traduzem o ato de ler romances sentimentais como uma bandeira de “não ultrapasse”, um “aviso” para familiares de que estão inseridas em um momento da mais absoluta individualidade. Neste instante, não são mães, esposas, filhas, sobrinhas, primas, são leitoras, o que lhes permite estipular um espaço e um tempo próprios que se distinguiriam da vida em família no qual seus inúmeros afazeres e encargos diários e emocionais imperariam.

---

A hora da leitura é, para algumas, um tempo de descoberta, de autorrealização, de completeza levando-as, por algumas horas, para longe das demandas psicológicas e emocionais advindas de necessidades físicas e afetivas de seus familiares ao mesmo tempo em que as isolam das exigências do mundo do trabalho. Neste sentido, no ato de leitura, para elas, é um espaço, como bem o afirmou Radway (1997), em que se abandona o universo racional, regulado e hierarquizado de rotinas produtivas e organizáveis e entra-se num lugar simbólico no qual a emoção, a paixão e os excessos purgados pelo processo civilizatório<sup>7</sup>, podem encontrar lugar.

Assim, ao contrário das expectativas de fruição da leitura criadas pelos círculos cultos, o grau máximo de satisfação com a leitura vem quando ela é capaz de provocar intensas emoções em suas leitoras. Os romances sentimentais, segundo Andrade e Silva (2020) se caracterizam por se centrarem num culto às emoções, tanto mais prazeroso quanto intenso em seus leitores. Todavia, não se trata de qualquer emoção, mas daquela que perturba a alma e se expressa no corpo. Essa extravagância emotiva se impõe a partir de uma estrutura dramática que apresenta sentimentos e emoções desregrados, o que exige dos seus leitores uma réplica em riso, pranto, suor, palpitação e estremecimento, provocando alegria, raiva, frustração e tristeza.

Isto só é possível, no entender destas mulheres, quando a história é boa, isto é, quando o engajamento emocional funciona de forma contundente. O engajamento emocional é o convite implícito em um texto à especulação sobre julgamentos morais e/ou dilemas emocionais das personagens, convite que é aceito pelas leitoras e materializado nas fofocas, conversas e comentários que a trama destila (ANDRADE, 2003). O engajamento requer, assim, o uso frequente da imaginação a fim de promover a identificação com as personagens, necessárias à fidelização ao gênero. Este engajamento emocional leva a um tipo de leitura ininterrupta da obra ficcional até que ela se finalize porque a leitura “prende”. Desta forma, quando a emoção comanda a leitura, se vira noite e a imaginação entra em campo.

---

<sup>7</sup>. Elias (1995) nos mostra como, no decorrer do processo civilizador, protagonizado pela burguesia, as emoções e os instintos foram excluídos do palco da vida comunal e investidos de sentimentos de vergonha. Esse controle social das emoções, descreve Elias, é convertido em autocontrole cada vez mais estável, uniforme e generalizado, visto como marca de distinção e de prestígio. No entanto, os indivíduos resistem a serem pautados por essa nova subjetividade. O comportamento consumista, a procura de diversão, os lazeres industriais embora dependam da razão mercantil que conforma a sociedade emergente, também podem ser considerados como uma forma de resistência aos processos de mecanização da sociedade (RUDIGER, 2002).

---

Depende, quando a história é emocionante, boa, você fica mais envolvido, você passa a pensar naquela história quase que 24 horas, no meu caso. Às vezes, eu pego um livro pra ler, a história é boa e eu não consigo parar, sabe? É preciso ficar no controle, lendo e parando, mas eu fico pensando até chegar no final do livro (Carla, 38, costureira).

Ah, é porque um romance, Ave Maria, você mergulha naquilo ali. Você tá vendo, eu pelo menos, eu, imagino as cenas, eu imagino as vozes dos personagens (Juciara, 22, vendedora).

O estilo dele (do romance) é diferente a gente sabe que não existe na vida real mas mesmo assim a gente quer levar para a vida real, é o diferencial, a gente sente os personagens (Suzanne, 23, demonstradora).

Mas, esta emoção provocada não vale por ela mesma porque o lazer, na era moderna, não pode ser compreendido, como pensa Dumazedier (1979) como desinteressado e livre de instrumentalizações. Na concepção de nossas mulheres, trata-se de um lazer engajado, utilitário. Esta transmutação do lazer ao utilitarismo é uma exigência da sociedade contemporânea que pragmatiza os momentos de descanso. Elas ressaltam, em seus discursos, a leitura dos romances como uma experiência de aprendizagem contínua sobre lugares e tempos distantes, ferramenta de melhoria no uso da língua portuguesa, aprendizagem sobre fatos históricos e sobre os melhores direcionamentos de assuntos em uma conversação.

Neste sentido, elas retomam as querelas do século XIX em torno dos romances sentimentais, que os definiam como inúteis para o processo de instrução dos indivíduos ao qual todo ato de leitura deveria necessariamente contribuir (DUMONT, 2007). Para se defenderem das críticas do mundo ilustrado de que a sua leitura é “uma perda de tempo”, fútil e superficial, os romances sentimentais devem acompanhar as leituras “sérias”, fornecendo informações entendidas como úteis à vida comunal. Não se pode simplesmente se divertir lendo, é necessário que até o divertimento esteja engajado em funções úteis ao social.

Sou da opinião que tudo que você lê agrega alguma coisa a você. Eu aprendi inglês lendo romances de banca, aprendi francês lendo romances de banca, aprendi sobre outros países. Tem uma série que é Julia Cartões Postais, eles falam da moeda, da comida, da economia do país, dos pontos turísticos, a gente sempre aprende alguma coisa (Karla, 40, gerente de TI).

Acho que nunca abandonaria os meus de banca porque é uma literatura para passar o tempo, faz você sonhar um pouco, você



---

conhece o mundo todo através do livro. Eu já conheci a Grécia, a Itália, a França, a Suíça, a Austrália, conhece os mocinhos, é aquela coisa bem desestressante (Rafaela, 22, estudante).

Eu leio mais para desopilar conhecer outros lugares é muito legal você tá lendo e conhecer outros países as descrições deles são muito legais, as vezes eu vou olhar na internet como é e tal (Jordana, 28, desempregada).

Não é só um divertimento, mas é uma maneira de ajuda, na maneira de falar, na forma de escrever. E assim, às vezes, deixa doente você ver alguém escrevendo errado, uma pessoa que tem um vocabulário super limitado, né... Apesar de não ter coisas didáticas, mas, ter coisa sobre uma economia, sobre a situação atual do mundo, são assuntos, são tópicos que ajudam você a desenvolver uma conversa. E, é questão de conteúdo, né. Questão de crescimento pessoal, também da pessoa, não só divertimento (Paula, 28, atendente).

O prazer que as mulheres encontram na leitura dos livros sentimentais esbarra com uma hierarquia dos gostos (BOURDIEU, 1979), estabelecida a partir das normas cultas que associa a prática da leitura séria com a instrução, orientação e educação do espírito (ABREU, 2003) e a de entretenimento com o seu oposto. Como nos lembra Zilberman (2008), até o século XV, as representações que tentavam dar conta da prática da leitura em obras como Fedro, de Aristóteles ou Heroides, de Ovídeo não produziam juízos de valor sobre as práticas literárias das personagens.

Somente a partir da invenção de Gutemberg, no século XVI, a relação dos indivíduos com a leitura passa a ser moralizada. A revolução tecnológica, proporcionada pela imprensa, propiciou o encorpamento de antigos gêneros como as novelas de cavalaria bem como o nascimento de outros como o romance moderno, herdeiro do individualismo do século XVIII, e no século seguinte, uma de suas derivações, o romance folhetim, matriz dos romances sentimentais contemporâneos, que sai dos jornais e encontra lugar nas páginas dos livros.

Mas, a entrada do romance sentimental na literatura não acontece sem polêmicas. Os círculos especializados taxam os romances sentimentais como propiciadores de leituras superficiais e não reflexivas, exaltando-se não só a perda de tempo que propiciava mas também a de contato com a realidade, uma vez que, essas leituras incitavam a entrada da mulher no mundo da fantasia, fazendo-a esquecer dos seus deveres de mãe e esposa.

Os circuitos letrados afirmavam que com essa leitura não se educava o espírito nem se salvavam as almas. Pelo contrário, a identificação com seus personagens era

perigosa, pois, tais livros apresentavam situações moralmente reprováveis (adultérios, seduções, crimes), portanto, seriam potenciais corruptores dos costumes. Estas obras de ficção, percebidas por puritanos e moralistas como encorajadoras de imoralidades e perturbadoras da ordem, eram fonte de inúmeros e veementes ataques. Acreditava-se que os romances sentimentais estimulavam desejos, muitos deles de caráter sexual, que, em sua maior parte, não seriam satisfeitos e se o fossem, o seriam de forma solitária ou em casos extraconjugais (ANDRADE e SILVA, 2020).

No Brasil, assim como na Europa, o romance sentimental nasceu no seio da burguesia, o que foi um grande avanço à época, porquanto, não era permitido às mulheres o direito de cultivar hábitos de leitura (LAJOLO e ZILBERMAN, 1996). Assim, a educação feminina se restringia a recitar preces de cor e a calcular de memória sem saber escrever nem fazer as operações. Porém, assim como na Europa, apesar de todas as advertências, o hábito se dissemina rapidamente, o que leva seus opositores a elaborar críticas em outras direções. Os homens, principais representantes da cultura letrada, percebiam na leitura dos romances um hábito sem valor e, portanto, própria para mulheres. A prática passa a ser aceita porque as obras eram consideradas de qualidade questionável.

Com o passar do tempo, à medida que os romances atingiam amplos setores sociais, o preconceito contra esta leitura tipicamente feminina se expande, em especial quando esta, graças à alfabetização em massa, sai dos privilegiados pela cultura e pela economia e adentra as classes mais populares. Quanto mais o romance se dissemina, maior o preconceito que propicia seu consumo. Esta representação, originada nos círculos cultos sobre os romances sentimentais, perdura até hoje. Destarte, não é à toa, que nossas leitoras ressaltam, incessantemente, que não confundem realidade com fantasia, e se fogem da realidade, o fazem de forma consciente.

Realmente para ler, você está procurando uma coisa para fugir da realidade. Não vamos dizer que eu vou ler um livro para entrar na realidade. Não, a realidade já está aqui. A gente convive com ela todo dia, é fome, é sede, é violência, a gente ler para fugir da realidade. Por isso que eu não gosto das pessoas que dizem “ah isso não existe”, lógico que não existe, se existisse você ia está lendo? (Karla, 40, gerente de TI).

Acho que é assim, no meu caso, acho que a vida da gente é tão trabalhosa, já tem tanta amargura, a gente já sofre tanto, luta tanto, que é tão bom você viajar num romance. Por exemplo, eu que estou solteira, viajar pelo menos no romance de outra pessoa, você vivenciar o amor, nem que seja por cinco minutinhos, é tão bom. Uma horinha é

---

bom, eu gosto disso, acho que é exatamente por isso, me faz esquecer um pouco da dureza da nossa vida real, da realidade (Rafaela, 22, estudante).

Ah, o mocinho não vai te trair e nem te bater. O mocinho do livro sempre é bonzinho no final. Ah, porque no livro tudo é mais legal mais feliz do que a realidade, você consegue voar, é aquela questão da fantasia erótica, tudo isso (Alexandrina, 30 anos, gerente de marketing).

Assim, as leitoras dessa pesquisa têm a convicção, demonstrada pela reação de seu entorno, de que existiria uma rejeição do social a este tipo de leitura, alicerçada, segundo elas, na aparente ausência de instrumentalidade para a vida prática. Neste quesito, parentes, amigos, familiares, conhecidos observariam o fato de que esta leitura não estaria colaborando para a obtenção de informações úteis para o social. As leituras sancionadas socialmente estariam, em tese, relacionadas à aquisição de conhecimentos para provas, concursos públicos, entrevistas de trabalho. Essa visão pragmática estaria inculcada prioritariamente na escola.

Na sociedade de mercado, lembra Zilberman (1984), a instrução em massa das camadas urbanas tem origem no aparecimento de dois tipos de instrumentos pedagógicos: a literatura voltada para o lazer, meio propício ao escapismo e à ilusão e a literatura destinada ao saber, veículo para a transmissão de conhecimentos úteis à vida prática. Nesta bi-partição, temos, de um lado, o romance sentimental, o cordel, as histórias de aventuras mirabolantes, do outro lado, o livro didático que empacota as informações e legitima-se socialmente em razão de sua aplicação imediata. Porém, como salienta Yunes (1995), esta pedagogia da informação, formada nos meandros da escola, não parece ter logrado grandes êxitos na criação de leitores permanentes.

A rejeição ao livro sentimental se encontra, segundo nossas leitoras, em casa, em especial na figura de maridos, noivos ou de progenitoras. As mães querem queimar, os namorados, maridos, companheiros vender, dar, jogar no lixo. A preferência masculina por outros gêneros como de aventuras e suspenses traduz, segundo a óptica dos homens, uma “natural superioridade” desses gêneros em face de outros correlatos, como os sentimentais. Ao legitimarem o seu “gosto” através da distinção, os homens não só escamoteiam as lutas de gênero que ocorrem na intimidade dos lares, como também impõem suas próprias apreciações estéticas sobre o que seria uma literatura “boa” e uma “ruim”.

Minha família e meus amigos não se importam tanto, eu até converso sobre as histórias com eles, só o meu noivo que tem vontade de queimar tudo, porque no fim de semana, eu fico lendo e não dou atenção a ele, aí tenho que ler disfarçadamente (Danielle, 26, funcionária pública).

A minha mãe não sabe nem o que é romance porque ela não sabe ler, ela lê muito pouco, meu padrasto não sabe ler nada. Os outros não dizem nada. Mas a minha mãe disse que se acontecesse algo comigo ela iria vender, e eu já disse que já tem dona. Minha filha vai herdar. Minha mãe reclama que de madrugada eu fico com a luz ligada e ela não gosta (Lucivania, 24, desempregada).

Meu marido não gosta. Ele diz que estudo de mais faz mal porque eu deixo de fazer minhas coisas pra poder ficar lendo, que a vida tá passando e eu tô perdendo, aí ele não gosta muito, não. A minha mãe também diz que eu preciso ler outro tipo de coisa, deixar mais os romances num sei o que (Caroline, 35, design)

Mas não é só no privado que o hábito de ler romances é criticado. No mundo público também. Neste, os ataques à leitura de romances podem vir de qualquer lugar. Neste contexto, as mulheres tentam proteger sua escolha estética pelos livros sentimentais das mais diversas formas: defendem a ideia de que se trata de um passatempo imune à lógica da instrução, mas, ao mesmo tempo, afirmam o fato de produzirem conhecimentos sobre o mundo, desde a aprendizagem de novos idiomas a informações úteis sobre outros países e estilos de vida. Contudo, taxam aqueles que não compartilham de seus gostos estéticos e nem compreendem suas características como brutos, ignorantes e analfabetos. Nesta perspectiva, constatamos, claramente estabelecidas no social, as lutas pelas representações culturais legítimas.

Teve uma vez, muitos anos atrás, que eu fui comprar uma peça prum espremedor de laranja, aí eu tava com uma sacola de livros, que eu tinha trocado e o vendedor, um ignorante, olhou pra mim e disse: “O que é isso daí?”. E eu disse: “isso é romance”. Ele: “Ave Maria! Como é que você lê uma coisa dessas, que não tem conteúdo? Se for fazer um concurso...”. Aí eu disse: “Pra você possa até não servir, mas para mim... eu não estou interessada em fazer nenhum concurso...”. Pode não ter conteúdo pra quem não lê, mas pra gente que lê, a gente acha que tem. Pode não servir pra vida da gente, se fosse o caso de a gente fazer um concurso, realmente não ia servir... O meu marido mesmo diz: “Aí mulher, isso daí é uma besteira. Tu fica lendo essas besteiras...”, mas eu não dou muita atenção não, que ele já me conheceu lendo (Flávia, 36, modelista).

Mas, se há ataques às nossas leitoras, também há apoio. A mulher, em especial pertencente às classes populares, que anda sempre com um livro na mão, numa

---

sociedade de iletrados, acaba por angariar a simpatia do entorno social. O livro, no Brasil, guarda consigo uma aura de cultura, inteligência cultivada, esforço intelectual. Não é por caso que as leitoras costumam guardar consigo exemplares do que consideram os “melhores romances”, que se tornam bens preciosos, ornamentando estantes, em lugares de destaque em seus lares, sendo apreciados pelos visitantes, parentes e amigos que frequentam o espaço doméstico.

Desta feita, nem só de críticas vivem nossas leitoras. Há elogios e muitas vezes, elas se fazem poderosas quando conseguem trazer para a comunidade de leitoras mulheres, que se antes não compactuavam com o hábito de ler romances, de tanto escutá-las falando sobre o assunto, criam interesse e acabam por absorver o gosto pela leitura. Assim, é uma vitória puder dizer que, algumas vezes, seus críticos se tornam seus principais defensores.

O pessoal respeita, por que eu sempre estou com um livro debaixo do braço, na bolsa. Em qualquer lugar eu estou com um livro, Sabe? (Dona Antônia, 57, editora).

Todo mundo sabe que sou viciada, quando era mais nova, a minha mãe costumava reclamar que eu lia muito, ela queria que eu fizesse as coisas, mas hoje em dia todo mundo sabe, só me dão livros de presentes (Juliana, 26, Secretária).

Minha prima dizia que eu era louca por que só andava com livro embaixo do braço agora é ela que só anda com livro embaixo do braço. Ou então dizia que ia ficar doida de tanto ler, isso é um fato, mas eu não vou confirmar para pessoa que eu fiquei doida, de médico e louco todo mundo tem um pouco (Rafaela, 22, estudante).

Assim, se nenhum leitor fica imune às obras que consome; o seu entorno não é indiferente ao processo de circulação de valores que uma leitura desencadeia. Porém, como nos adverte Jauss (1978), o leitor, ainda que seja um fator ativo que interfere no processo de como a literatura circula na sociedade, ele não age de modo absolutamente singular. As sociedades históricas constituem horizontes de expectativa dentro dos quais as obras se situam. Assim, as obras, quando aparecem, não caem em um vazio. Ao serem publicadas, deparam-se com códigos vigentes, normas estéticas e sociais, formas de comunicação consideradas cultas ou populares, preconceitos e ideologias dominantes (ZILBERMAN, 2008). Esses elementos condicionam a recepção do texto em certa época ou dentro de um grupo social.

---

## Considerações Finais

O escritor e poeta cearense, Batista de Lima (1998) afirmou, certa vez, que todo texto tem seu sabor. Não é à toa que o leitor está sempre a utilizar metáforas culinárias para revelar seu prazer gustativo diante da escritura. Desta feita, são comuns o uso de verbos como digerir, devorar, ruminar, degustar, deglutir, engolir utilizados por leitores ávidos, sedentos para descreverem as sensações, sentimentos e impressões que a leitura carrega consigo. Porém, se o prazer pertence ao leitor, sendo seu talismã secreto, se ele é capaz, em certa medida, de direcionar os modos de acolhimento, valorização e circulação de suas obras favoritas, como nos adverte Jauss (1978), sua ação não é individual, singular ou única.

Os prazeres que a leitura de um romance de amor traz consigo refletem porquanto, as impressões que um dado agrupamento social produz sobre este leitor. Assim, os fãs de história de amor ao estabelecerem suas apreciações sobre as obras, ao dissertarem sobre o impacto da leitura em suas vidas, ao descreverem as emoções propiciadas pela leitura, em certa medida, estão condicionados pelo horizonte de expectativas produzido pela comunidade literária da qual fazem parte bem como pelo tempo, grupo imediato e sociedade dos quais são representantes.

As entrevistadas dessa investigação salientaram fortemente que a prática de leitura de livros sentimentais acionava a fantasia, o sonho e a imaginação, o que, em tese, poderia agregar à narrativa sentimental a peja de bem cultural ingênuo, simplório e crédulo. Porém, como nos adverte Andrade e Silva (2020), não se trata apenas de uma fuga da realidade, mas, primordialmente, de uma imersão nas ausências, fragilidades e vazios que permeiam a vida de todos os dias. Elas almejam, ao se entregarem à leitura de romances, experienciar ideais de completude, satisfação e harmonia justamente porque não se defrontam com estas sensações no seu cotidiano. Então, é sempre o princípio da realidade que rege o processo de leitura deste ou de qualquer outro bem cultural.

A prática da leitura, seja de um clássico dos círculos canônicos ou de um best seller da literatura popular, é sempre, como nos lembra Yunes (1995), um ato de sensibilidade, de inteligência, de compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o universo e nos engrandecemos com ele, entrevemos o não-visto e adivinhamos o que não experimentamos. Assim, compreender as nuances dessa viagem

é um desafio para a academia porque os frutos mais suculentos estão, todas as vezes, ainda por vir, no virar da página do próximo grande lançamento do mercado ou no vasculhar, sem pretensões, de um sebo, numa cidade perdida do Brasil ou no clicar de um site na internet.

### Referências bibliográficas

- ABREU, Marcia et alli. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- ANDRADE, Roberta Manuela Barros; SILVA, Erotilde Honório. **Um século de romances de amor: a trajetória da literatura sentimental no Brasil (1920-2020)**. Columbia: Independently Published, 2020.
- ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. A cultura emotiva das comunidades virtuais de leitura de livros de amor IN: **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 51, p. 91-104, dezembro de 2018
- ANDRADE, Roberta Manuela Barros. **O Fascínio de Sherazade: os usos sociais da telenovela**. São Paulo: Anablume, 2003.
- BATISTA DE LIMA, José. Do sabor do texto ao prazer da leitura. **Rev. de Letras**, no. 20, Vol.1/2, jan/dez. 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **La distinction: Critique sociale du jugement**. Paris: Minuit, 1979.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DUMONT, Lígia Maria Moreira; SANTO, Patrícia Espírito. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento **Ciências & Cognição**. São Paulo, Vol. 10, p. 28-37, 2007.
- ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- FISKE, John. British cultural studies and television criticism In: ALLEN, Robert C. (org): **Channels of discourse: television contemporary criticism**. London: Methuen, 1987.
- JAUSS, H.R. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1978.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- RADWAY, Janice. **Reading the romance: women, patriarchy and popular literature**. London: Verso, 1987.
- RUDGER Francisco. **Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade**. Porto Alegre: EDIPCRS, 2002.
- ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. **Alea: Estudos Neolatinos**, vol.10 no.1 Rio de Janeiro Jan./June 2008.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura e o apelo das massas. IN: AVERBUCK, Lígia (org). **Literatura em tempo de cultura de massa**. São Paulo: Nobel, 1984.
- YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Letras**. Curitiba, Editora da UFPR, n.44, p. 141-150, 1995.